

Pessimismo em Paris: o Brasil terá mais dificuldades.

O governo brasileiro deve preparar-se para novas e importantes dificuldades financeiras com seus credores, apesar de ter conseguido a prorrogação das linhas de curto prazo. Segundo banqueiros franceses, prevalece junto aos meios financeiros internacionais um clima pesado, nervoso e preocupante em relação aos próximos meses. A mesma fonte revelou que não havia outra alternativa para os bancos estrangeiros a não ser manter as linhas interbancárias, pois ou ficavam com os bancos ou seus créditos caíam no Banco Central, uma solução ainda mais negativa. Isso, entretanto, não quer dizer que o caminho foi aplainado para uma boa negociação com os bancos comerciais. A preocupação não se limita aos aspectos puramente financeiros e econômicos da própria dívida, mas envolve também aspectos da evolução política e social do País, em razão da multiplicação de movimentos grevistas de um lado e da indefinição de problemas políticos de outro, entre eles o da duração do mandato presidencial.

Como o **Jornal da Tarde** havia antecipado, o governo do Brasil conseguiu através-

sar uma das datas consideradas fatais no seu relacionamento com a comunidade financeira internacional, renovando as linhas de crédito de curto prazo, previstas nos projetos três e quatro, no valor de 15 bilhões de dólares. Já na semana passada, as autoridades brasileiras podiam respirar aliviadas, após as difíceis negociações do presidente do Banco Central, Francisco Gros, com os credores representados pelo Comitê de Bancos. Agora, para iniciar uma negociação da dívida comercial, os bancos continuam insistindo na apresentação preliminar de um programa econômico coerente, o que não foi feito até agora, apesar das promessas do governo, no telex enviado aos bancos. Por isso eles consideram a data de 20 de maio como decisiva, quando a moratória completa 90 dias, ocasião em que se vai saber a posição dos bancos norte-americanos em relação à suspensão do pagamento dos juros decretada pelo Brasil.

Ainda antes desse prazo, algo vai ter que acontecer dos dois lados, comenta-se junto aos meios financeiros franceses. Outra data citada é 1º de julho, quando o Brasil

deverá bater novamente às portas do Clube de Paris para tentar reescalonar a parte da dívida que vence no segundo semestre. Como se sabe, quando da negociação de janeiro só se obteve o reescalonamento dos vencimentos dos primeiros seis meses do ano. Ao contrário do que ocorreu anteriormente, agora a negociação com os bancos comerciais deverá ocorrer prioritariamente e determinar o caminho da negociação com os credores oficiais.

A grande dificuldade brasileira não chega a ser a negociação propriamente dita, mas o objetivo do Brasil de manter uma taxa de crescimento de 4 a 5% ao ano, não admitindo nenhuma forma de recessão, isto é, os drásticos planos de austeridade econômica exigidos pelo Fundo Monetário Internacional. As Filipinas concluíram nesses últimos dias um bom acordo em termos financeiros, mas esse país terá que sacrificar alguns pontos de sua taxa de crescimento. O mesmo está ocorrendo com o México. A grande dificuldade será conciliar acordo financeiro e programa econômico compatível com crescimento.

Real Junior